

Cotidiano Familiar e Representação do Espaço Habitado*

*Jovanka Baraculhy Cavalcanti***

O modo como os indivíduos, em sociedades ou grupos sociais, sistematizam e ordenam seu espaço social atribuindo-lhe sentido, tem sido preocupação de antropólogos, sociólogos, psicólogos e arquitetos. Estes estudos, em geral, procuram entender as categorias utilizadas - como se relacionam e se hierarquizam, e ainda, os princípios que regem esta organização. Pesquisas realizadas tanto em sociedades ditas primitivas (BOURDIEU, 1980) quanto em sociedades urbanas contemporâneas (VELHO, 1978; HIRSCHON & GOLD, 1982) levantam questões relativas à maneira como essas sociedades interagem com o espaço produzido e de como as referências simbólicas estão ali representadas.

Observa-se que os grupos sociais atualizam constantemente as principais noções que compõem suas culturas e seus processos de socialização, sendo o espaço uma das formas pelas quais os indivíduos e grupos se representam e representam seu pensamento. Assim, a noção de espaço encontrada em diferentes sociedades segundo a maneira pela qual os grupos pensam sua experiência própria.

Concentro-me, neste trabalho, em habitações de classe média urbana, procurando desvendar o cotidiano das famílias, seus estilos de vida e as formas de representação do espaço habitado. Isto significa vincular esses indivíduos a um sistema de valores, de noções e práticas. Significa tornar inteligível a realidade física e social, levando em consideração essa função constante do real e do pensado.

A premissa inicial, que fundamenta esta pesquisa, é a de que o espaço habitado e as relações no âmbito familiar, bem como o relacionamento desse grupo familiar com os vizinhos e parentes, constituem-se em práticas sociais importantes para desvendar-se muitas das representações, dos valores, e dos aspectos relevantes da estrutura e organização social nos espaços urbanos de sociedades complexas.

Através do contato com uma pesquisa realizada sobre a classe média de João Pessoa (LIMA e MEDEIROS, 1990), comecei a perceber quão significativa é a formação e crescimento deste segmento em nossa cidade e como haviam poucos estudos locais voltados para esses grupos. Essa classe média parecia ter também papel significativo na conformação de um novo espaço urbano, que vinha se configurando desde as primeiras décadas do século, com a modernização de algumas áreas da cidade. Mas, que, só a partir das décadas de 50/60, assumiu as características que conhecemos hoje em dia, especialmente diante das mudanças na estrutura produtiva e ocupacional da capital.

* Elaborado com base na dissertação de mestrado defendida no MCS/UFPb em Agosto de 1993.

** Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPb.

A problemática se coloca, assim, a partir da própria constituição do espaço urbano contemporâneo, da aceleração do processo de urbanização e seus reflexos sobre a vida dos indivíduos. Considerando-se que a cidade de João Pessoa, como a maioria das cidades brasileiras, caracteriza-se por uma forte segregação social do espaço, combinando de maneira relativamente uniforme localização geográfica e estratificação social, essa conformação acaba por expressar os contornos de fronteiras culturais, em que a localização da moradia desempenha papel significativo na construção da identidade de grupos sociais. Não quero pressupor, com isto, a existência de uma cultura de classe média, embora existam padrões culturais com certas especificidades; precisamente, quero entender os sistemas simbólicos que operam em nossa sociedade e em especial nesse grupo.

Estudos recentes sobre classe média urbana (VELHO, 1978; BRUSCHINI, 1990; LIMA e MEDEIROS, 1990) apontam para uma diversidade dos grupos sociais que a compõem, e para sua eterna condição plural. Evidenciam-se as dificuldades em se reunir os diversos segmentos em uma categoria mais geral, e até mesmo em definir-se as "fronteiras" que os delimitam. Entretanto, pode-se identificar certos traços recorrentes nessas pesquisas: as temáticas da ascensão social, da mudança, da importância da moradia e de sua localização

no urbano. Elementos fundamentais na constituição da identidade desses grupos.

A abordagem teórica que fundamenta esta análise baseia-se principalmente nos estudos de Bourdieu (1980, 1983, 1987) sobre as práticas e os sistemas simbólicos que dão os contornos de grupos e/ou classes sociais. Para ele a sociedade é como um campo de forças em que o "sentido", a "força do sentido" ocupa papel fundamental. Procura relacionar as condições objetivas dos indivíduos com suas práticas, em que as diferenças entre os grupos não são definidas apenas pela forma de inserção no processo de produção. Devem ser levadas em consideração as diferenças existentes no plano das relações simbólicas, das formas de consumo e de reprodução. Estas diferenças estão ainda vinculadas às trajetórias individuais ou de grupos, e às leituras específicas do sistema simbólico, ou seja, da cultura da qual fazem parte.

Nessa lógica, a prática dos agentes é definida como resultado de um "habitus", sinal incorporado de uma trajetória social; e de um "campo social" funcionando, neste aspecto, como um espaço de obrigações que possuem a propriedade de operar com a cumplicidade do "habitus" (BOURDIEU, 1983:45).

Os conceitos de estilo de vida e de representação em Bourdieu (1990:189-90) vinculam-se, pois, é noção de "habitus" - enquanto sistema gerador e classificador de práticas: é da relação entre essas duas capacidades do habitus que se constitui o "mundo social representado", ou seja, o espaço dos estilos de vida.

O grupo estudado, em seis meses de pesquisa de campo, é formado por 14 famílias, cujas características - relacionadas com o nível de renda, a posse de bens e a ocupação principal dos cônjuges, além do próprio local de moradia - influenciam um estilo de vida específico. Selecionei o bairro de Manaira por ser o que mais se adequava a realização da pesquisa, uma vez que os dados coletados junto ao Plano Diretor de João Pessoa/92 e a Prefeitura Municipal de João Pessoa o apontavam como predominantemente de classe média, mais homogêneo em termos de padrão habitacional e de renda da população. Além disto, Manaira é um bairro de ocupação

recente, que cresceu bastante nas duas últimas décadas refletindo uma certa mobilidade sócio-espacial.

O Bairro de Manaira: expressão de consumo e de prestígio social

Os entrevistados representam o bairro através dos seus limites geográficos, opondo-o constantemente é parte mais antiga da cidade - o centro da cidade - onde se localizam as atividades mais ligadas ao comércio e aos serviços em geral. Manaira representa a parte moderna da cidade, onde o comércio é feito nos 'shopping centers' e onde, hoje em dia, não se necessita ir constantemente ao centro da cidade para resolver problemas de banco, fazer compras etc. O fato de, mais recentemente, localizar-se em Manaira o maior shopping center da cidade, várias farmácias, supermercados, enfim todo um atendimento de comércio e serviços em geral é população, foi várias vezes mencionado como um dos motivos que tornam a moradia nesse bairro algo prestigioso, valorizado, garantindo aos seus moradores uma comodidade e uma qualidade de vida superiores aos demais moradores da cidade. Há, portanto, uma identificação entre local de residência e prestígio social, que pode-se perceber através de certas expressões recorrentes na maioria dos depoimentos: Os entrevistados referem-se ao "comércio", às "facilidades", à "educação do pessoal", ao "conforto", à "beleza", à "tranquilidade", para justificar a moradia no bairro. São categorias que indicam, de um lado, a preocupação desses segmentos com o consumo enquanto elemento importante na definição do local de moradia. A possibilidade de adquirir bens associa-se à de fazê-lo com "facilidade", com "comodidade" e de ter acesso a determinados bens valorizados, não acessíveis em áreas como o centro da cidade. De outro lado, a "tranquilidade" de Manaira vem associada à presença do mar, à "beleza" e ao "conforto" da vida nessa parte da cidade. A "educação do pessoal" é também um aspecto valorizado e atribuído aos moradores do bairro. Dessa forma, evidencia-se um sistema de classificação de base espacial que reflete também as idéias que os agentes têm a respeito da distribuição de poder na sociedade. A imagem que eles têm é a de que essa sociedade encontra-se dividida em classes, que têm como um dos elementos fundamentais para sua definição a distribuição espacial. Atribui-se 'status', mais ou menos privilégios, acessos a bens materiais, informações etc., aos moradores de Manaira. Uma visão hierarquizada dos bairros e da sociedade que revela o reconhecimento da existência de uma possibilidade de mobilidade social/residencial, mas que reflete, sobretudo, um estilo de vida calcado em valores e padrões de comportamentos que servem para distinguir a classe média de um bairro privilegiado de uma capital nordestina. Neste caminho, o bairro é visto como um lugar onde estão segregadas diferentes atividades - moradia, comércio, lazer, serviços - e onde não se tem condições de manter um relacionamento mais próximo entre os moradores. Os contatos com vizinhos foram considerados ocasionais e formais e, em certos casos indesejáveis. Inclusive todos aqueles que consideraram indesejáveis os contatos com vizinhos ergueram muradas altas, acima de um metro e meio na frente de suas moradias. O relacionamento com amigos é apenas um pouco mais freqüente. A sociabilidade da família fica restrita aos parentes mais próximos, e esporadicamente aos amigos do trabalho e da infância. Voltam-se, sobretudo, para a reprodução do grupo, a educação e o cuidado com os filhos, e às atividades dentro de suas casas. Se observarmos o crescimento urbano e a

modernização de certos setores da economia em João Pessoa, nas últimas décadas, talvez possamos entender esse tipo de comportamento.

Na cidade que se moderniza, evidencia-se não só a segregação espacial ampliando as diferenças de classe, mas também, transformações na vida social cujos reflexos estão nas formas de moradia, na arquitetura em geral e, sobretudo, nas relações entre os indivíduos. Junto com esta mudança, esboça-se um modelo burguês de morar, marcado pela separação entre "a casa" e "a rua". A privacidade e o isolamento são as suas características marcantes. Este "modo de vida urbano" (VELHO, 1973) que se difunde como reflexo da industrialização capitalista, da emergência da economia de mercado e do crescente processo de racionalização da sociedade moderna é marcado pela fragmentação das relações entre grupos e indivíduos (até mesmo aqueles muito próximos como os vizinhos), é a expressão da urbanização acelerada. João Pessoa não foge à regra, e a cada dia, este processo torna-se mais evidente: proliferam os shopping centers, os condomínios, as residências com amplas muradas etc. São os muros visíveis e invisíveis, que separam a cidade e dentro dela os edifícios e seus habitantes. O indivíduo que daí emerge é bem descrito por Simmel (VELHO, 1973) como de um caráter marcado por uma atitude "blasé" - uma certa incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada - e uma atitude de reserva nas relações com outros indivíduos, uma antipatia que seria uma forma de proteção contra a indiferença e a sugestibilidade indiscriminada.

Para Simmel (VELHO, 1973:18), "uma antipatia latente e o estágio preparatório do antagonismo prático efetuam as distâncias e aversões sem as quais esse modo de vida não poderia absolutamente ser mantido. A extensão e composição desse estilo de vida, o ritmo de sua aparição e desaparecimento... formam o todo inseparável do estilo metropolitano de vida. O que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como dissociação na realidade é apenas uma de suas formas de socialização".

Essa atitude "blasé" e uma arquitetura que se define pelo isolamento da família no interior da habitação reforçam este tipo de socialização. Define-se, para tanto, uma gradação dos limites de acessibilidade, de alcance visual e a existência de espaços de transição na casa em relação à rua. A casa se organiza como um microcosmo repleto de representações, de tal modo que vão se definindo espaços cada vez menores e exclusivos. A dimensão simbólica presente nos equipamentos da casa, na definição dos acessos, reforça-se na configuração de valores morais para os espaços de acordo com as atividades ali desenvolvidas.

Habitação de Classe Média: Condições Objetivas e Relações Simbólicas

As dimensões que se evidenciam nas habitações de um bairro como Manaíra, abrangem um amplo leque de necessidades sociais ligadas às noções de *privacidade*, *segurança*, *consumo*, *status* e *prestígio social*. Muitas dessas noções estão expressas tanto no espaço físico, no caso as habitações e objetos que as compõem, quanto nas falas dos seus moradores.

Há toda uma simbologia ligada não só à valorização da moradia em um bairro específico, mas há, também, o valor atribuído ao tamanho dos espaços, à amplitude, no caso da habitação. Isso foi mencionado por um número significativo

de entrevistados, que expressavam as diferenças existentes entre eles, indivíduos de classe média, assalariados, e os ricos.

Na verdade, Há uma série de "regras", não necessariamente explícitas ou conscientes, que são aplicadas aos edifícios habitacionais e incorporadas aos programas arquitetônicos. Algumas delas, fruto de um costume, outras, fruto de uma maneira de morar difundida pelo movimento de arquitetura moderna, a partir das décadas de 30/40 no Brasil. A análise dessas "regras" convencionais é bastante útil para se desvendar muitos dos valores que estão por trás dessa aparência e caracteriza uma prática social de morar.

Apesar das peculiaridades de muitas das habitações devido à posição do lote ou às idiossincrasias dos indivíduos que ali vivem, posso afirmar que Há semelhanças básicas entre todas elas.

São residências de plantas retangulares, com terrenos que possuem em geral 12 x 30 m, com recuos laterais, frontais e de fundos que acompanham os valores mínimos estabelecidos pelo Código de Urbanismo da Prefeitura Municipal

de João Pessoa. Na grande maioria, são compostas por sala de estar e de jantar, cozinha (às vezes, uma copa), três quartos, sendo um deles uma suíte, pelo menos dois banheiros, dependência de empregados completa, um gabinete, terraço e jardim na frente da moradia, quintal e garagem.

Importante colocar que doze domicílios pesquisados possuíam grades de ferro em todas as portas e janelas voltadas para o exterior. Algumas delas têm grades ao longo de todo o terraço, fechadas com cadeados. São algumas das estratégias de segurança que observei nos domicílios, usadas para evitar assalto e a presença de pessoas estranhas à família. Estabelecem-se, pois, limites bem definidos entre o que é interior e o que é exterior é habitação e ao grupo familiar. Os muros altos são, também, bastante frequentes e, às vezes, combinam-se muradas altas e gradis de ferro, reforçando ainda mais esses elementos de segurança. Na maioria das casas são colocadas plantas espinhosas como cactus, entre outros tipos, que representam verdadeiras barreiras usadas tanto na parte interna quanto externa das muradas e sobre as calçadas, para impedir a aproximação de estranhos. São frequentes, ainda, os cacos de vidro cimentados sobre os muros.

Há, portanto, uma rígida separação entre o que é interior/privado, mostrado apenas áqueles convidados da família, e o que é exterior/público, representando a "face" que é mostrada ao mundo exterior. Essa oposição entre interior/exterior também aparece na pesquisa de Hirschon e Gold (1982) como um elemento fundamental na regulamentação das atividades do dia-a-dia das famílias, podendo ser vista como derivada de aspectos culturais e ainda como resposta eficiente aos problemas que surgem pelo fato de viverem muito próximas umas das outras. Porém, em Manaíra sobressai-se um outro aspecto associado a essa oposição que é o fato da rua, e até mesmo da calçada, representarem a insegurança, a "terra-de-ninguém", a promiscuidade, da qual a família isola-se, protegendo não apenas seus corpos, mas suas propriedades. Em Manaíra, a oposição interior/exterior é reforçada por outros elementos como, por exemplo, a existência de duas favelas próximas ao bairro - "São José" e "dos Ipês" - mencionadas como focos de "pessoas perigosas" que se espalham pelas redondezas ameaçando a "tranquilidade" característica do bairro.

A declaração abaixo é bem sugestiva dessa insegurança que a rua e a calçada - o exterior - representam para essas famílias: " *Se eu sair na rua, saio sempre apressada, assustada. Tenho medo de ser agredida, se estou na calçada, também. E, aqui, eu me acho segura, porque aqui é tudo gradeado, passo grade lá, passo grade aqui na cozinha...* " (Inês, família 10).

A casa aparece, assim, como um domínio oposto à rua, conceitualmente separados através de certos dispositivos simbólicos. As noções de "frente" e "fundos" são uma constante nos depoimentos dos entrevistados. São referenciais importantes no dia-a-dia. A "frente" desse tipo de moradia, voltada para a rua, é sempre a parte dedicada aos contatos sociais, deve ser mantida limpa e bem arrumada - é a fachada que se mostra a todos - enquanto os fundos representam o oposto - locais de estocagem dos materiais de limpeza, do lixo, dos equipamentos velhos, enfim dos empregados, dos animais e tudo mais que deve ser mantido longe do 'olhar' público. É o que Goffman (1989:117) chama de 'os bastidores', onde acontecem as cenas do cotidiano das famílias e que não devem ser vistas pelo público. O acesso principal, feito sempre pelo terraço, dá direto na sala de estar e/ou jantar. É nesse espaço interior, porém social, onde recebem as visitas mais formais e se dão as principais representações que visam demonstrar ou reforçar um "status" desejado. Ali são colocados os melhores equipamentos da casa: poltronas confortáveis, quadros, objetos de decoração, aparelhos de som etc. É muito freqüente, também, um pergolado, que geralmente se estende ao longo da sala de estar e sala de jantar. Nesse sentido, observei que a televisão não se encontra mais com freqüência na área social da casa. Se antes ela tinha um lugar garantido na sala de estar dessas famílias, tudo indica que cada vez mais a TV está sendo afastada, ganhando lugares próprios - a "saleta de TV" - ou sendo utilizada nos quartos como equipamento de um lazer individual.

Um aspecto interessante observado foi o fato de que quando havia mais de uma família morando no mesmo domicílio, como é o caso das famílias 14 e 02 (ambas por motivos de ordem econômica), havia espaços isolados e definidos para cada uma, e também, objetos específicos como uma televisão e um telefone. A decoração também era motivo de diferenciação, expressando gostos por vezes antagônicos mas, sobretudo, delimitando o território de cada família, sua relativa autonomia dentro da casa. A cozinha, juntamente com todos os equipamentos de limpeza e preparação de alimentos que a compõem, é ainda bastante segregada no interior da casa. Os limites entre as áreas de serviço e íntima são definidos pela cozinha. É um espaço identificado, sobretudo, com o trabalho doméstico feminino mas, reservado, sobretudo, aos empregados. Um espaço de "fundos" da casa. A própria existência de duas entradas separadas, uma para cozinha e outra para as salas da frente, atestam a tendência reforçando hábitos tradicionalmente ligados a esses estratos da sociedade, em que uma aparente "modernidade" esconde fortes marcas dos costumes e das relações tradicionais de base colonial. Certamente, estamos longe daquela situação descrita por Lemos (1978: 202), onde ele diz: "*Fatalmente, um dia, a morada burguesa irá superpondo funções, até eliminar a cozinha, trocando o fogão pela mesa-quente aquecedora de comidas congeladas vindas dos supermercados. E na era do plástico e dos papéis e cartões impermeabilizados, talvez a louça nossa diária e os talheres venham a ser lembranças malqueridas de um passado que não prescindia da humildade solícita e resignada da empregada doméstica. Tudo estará facilitado. As próprias roupas não mais serão lavadas, as*

vestes de papel serão jogadas fora. Tudo será fácil nesses trópicos sorridentes em desenvolvimento. E um dia, as edículas dos quintais ficarão sem utilidade e todas as mulatinhas vindas do interior estarão em suas próprias salas de suas casas próprias, enquanto a Princesa Isabel sorrirá em seu túmulo vendo que seu trabalho finalmente chegou ao fim".

O quintal dá continuidade a área de serviços, separando os "empregados da casa" da intimidade da família. São as chamadas "edículas" - pequenos cômodos, separados do restante da casa, onde ficam os quartos dos empregados, onde ficam localizados também os depósitos de coisas velhas e de material de limpeza, lavanderia, animais domésticos etc. Esse tipo de solução é comum também na maioria dos prédios de apartamentos.

Nos quartos do casal e dos filhos - o conforto, a sobriedade e o isolamento são os adjetivos adequados. O quarto do casal é o maior e mais bem equipado. Em geral, tem uma série de equipamentos: ar condicionado, TV, um pergolado e banheiro próprio (suíte) etc.

Os tamanhos diferentes dos quartos e a presença da suíte do casal refletem a posição privilegiada dos pais, que são aqueles que mantêm e têm autoridade sobre os demais membros da família; o quarto de empregados, por outro lado, é a expressão física da inferioridade destes em relação ao status da família.

O número e a distribuição dos banheiros também expressam essa segregação dentro do espaço doméstico: tem, em geral, um lavabo na área social, um banheiro que forma a suíte para uso exclusivo do casal, um outro banheiro para o restante da família e um outro, localizado na zona de serviços para uso dos empregados ou pessoas que, eventualmente, venham prestar serviços na casa.

A separação dos quartos quanto aos sexos é um outro elemento, algo incorporado através de um "habitus", que eles não sabem explicar o porquê mas que vem se repetindo. Há várias gerações em suas famílias sem maiores questionamentos. Para quatro das quatorze famílias pesquisadas, essas separações foram elementos fundamentais nas suas próprias definições de habitação. Mariana (família 04) diz o seguinte: "*Seria o mínimo suficiente que a casa teria para as pessoas viverem, sem se atropelarem dentro, com sua privacidade reservada, marido e mulher num determinado cômodo, o filho homem no outro cômodo, filha noutro cômodo, sem que houvesse necessidade de se fazer um acúmulo dessas pessoas*".

É uma expressão daquilo que Rolnik (1988) chama de "micropolítica familiar", uma fórmula de morar, um modelo burguês que se difundiu em nossas cidades e que traz a marca da privacidade, do esquadrinhamento da família no interior da moradia, longe da promiscuidade que a rua representa, reproduzindo no espaço da casa a segregação social e espacial presente na sociedade em geral. A oposição entre o interior/privado e o exterior/público, apesar de ser marcante, não define a rua como espaço de socialização, de contatos com vizinhos e de relacionamento entre os moradores de uma mesma localidade. É rua atribuí-se a insegurança, o desconhecido; ao espaço interno da casa, a segurança e a privacidade tão almejada. A casa é, sobretudo, esse espaço de socialização da família, onde são transmitidas as primeiras noções de convivência e onde a divisão sexual do trabalho, a estrutura de poder no grupo familiar e os papéis sociais começam a ser inculcados desde a infância, seja através da separação dos quartos por sexo, seja através da localização dos cômodos de empregados domésticos fora do âmbito familiar ou ainda

através das rígidas separações entre as zonas sociais e íntimas dos domicílios. O significado que a casa tem para os entrevistados está associado, sobretudo, às noções de propriedade, de privacidade, de moralidade, ao papel atribuído à família como unidade de reprodução social do grupo e a um estreitamento dos laços afetivos entre os membros da família. A casa é esse "cantinho", como muitos se referem, onde não precisam "representar" o tempo todo, mas através do qual se representam e se distinguem com relação aos demais. A casa aparece para essas famílias como algo relacionado também aos privilégios de que dispõem, principalmente em períodos de crise e recessão econômicas. Reconhecem sua distinção com relação à população pobre por poderem usufruir de bens, de objetos de um certo valor simbólico, e de um padrão de vida que vai além de suprir as necessidades imediatas.

O consumo de certos produtos industrializados, a preocupação constante com a segurança da família e seus bens, com a manutenção da ordem, a regulamentação de horários, são alguns dos traços que exprimem um sistema de valores, um estilo de vida que os membros dessa classe média derivam de sua posição na estrutura social. São princípios que se impõem na busca pela distinção, uma necessidade constante de renovação dos procedimentos expressivos e uma preocupação com as marcas das diferenças, que exprimem-se, por vezes, numa maneira específica de sujeitar-se aos consumos e práticas condizentes com suas posições. É importante frisar que estas são condições de vida muito particulares de cidades como João Pessoa onde, mesmo diante da questão da crise econômica mais geral que o país enfrenta, esses segmentos de classe média ainda encontram meios que lhes permitem um "status" que não conseguiriam manter em outros lugares.

Considerações Finais

Ao longo da minha dissertação de mestrado: *Classe Média, Cotidiano Familiar e Representação do Espaço Habitado*, analiso estas e outras questões associadas ao comportamento e aos valores da classe média local. São temas tratados em articulação com a questão da evolução do espaço urbano e habitacional de João Pessoa. Ênfase aos aspectos do cotidiano das famílias, do relacionamento entre os cônjuges e destes com seus filhos, a participação da mulher no mercado de trabalho e nas atividades domésticas etc.

Se observei similitudes das situações em João Pessoa com outros estudos (BOURDIEU, 1979, 1980; BRUSCHINI, 1990; VELHO, 1978, 1983, 1987; SALEM, 1980; entre outros), notei também caracteres particulares, que podem servir para distinguir a classe média de um bairro privilegiado de uma capital nordestina marcada por um certo conflito entre o provincianismo e uma certa "modernidade".

Com efeito, em João Pessoa, o crescimento da classe média deu-se de forma mais intensa nas últimas décadas, como resultado das políticas industrializantes desse período que provocaram mudanças na estrutura produtiva anterior. A expansão do aparelho estatal também representou papel importante nesse crescimento da classe média local. Aumentou, inclusive, o poder político da oligarquia dominante via controle dos empregos públicos a nível estatal, municipal e até federal.

A classe média, em sua maioria funcionária, permaneceu, pela heterogeneidade de sua inserção na estrutura produtiva, "solidária" com os setores dominantes seja por identificação com valores e idéias destes seja por usufruir ou ser

beneficiária dessa "solidariedade". Outro elemento que contribui para essa posição da classe média, é o fato desse segmento possuir o mesmo espaço de sociabilidade das classes dominantes locais, frequentar as mesmas escolas, os mesmos clubes, lojas, onde se estabelecem relações em que interesses se interligam.

A vinculação, de grande parte da classe média local, a interesses rurais e/ou a hábitos e práticas próprias de pequenas cidades do interior do estado, é um outro elemento importante para se entender as ambigüidades presentes nas práticas e representações do grupo estudado, vinculação esta mantida, sobretudo, nos contatos com parentes, amigos de infância, do trabalho ou até mesmo da clientela.

A estrutura produtiva, até pouco tempo, predominantemente agrícola e dominada por grandes propriedades rurais, explica, em certa medida, as oscilações dessa classe média entre o "moderno" e o "tradicional". O primeiro, representado pela atualização desses grupos quanto a comportamentos e atitudes sociais, políticas, culturais e sexuais veiculadas pela indústria cultural; e o segundo, representado por hábitos conservados e transmitidos de família à família, de pais para filhos como, por exemplo, a presença dos criados em casa, responsáveis pelos serviços domésticos; a autoridade paterna e a atribuição ao homem da maior parcela de responsabilidade com o orçamento doméstico.

Como consequência surgem, a prepotência e o preconceito, frente aos subordinados, desde os criados aos pobres, aos negros, aos favelados. E estende-se, por vezes, às mulheres.

A "modernidade" evidencia-se, portanto, muito mais no fato dessa classe média integrar-se à sociedade de consumo, acompanhada de formas de pensar e de atribuir valor aos objetos e às idéias e valores que a ideologia das sociedades industriais instituíram como norma e como estilo de vida. Embora, evidencie-se, a permanência de valores provenientes da herança patriarcal e oligárquica nordestina.

Nesse caminho, a cotidianidade aparece mais como sinônimo da rotina, da conservação da ordem e, nunca, da descoberta do novo. Acrescenta-se a isto, o extremo medo da mudança em relação a todos os valores. é assim que, por exemplo, a maior participação da mulher no mercado de trabalho aparece em muitos depoimentos como associada aos conflitos entre cônjuges, aos desequilíbrios e é perda relativa da autoridade dos pais sobre os filhos, sua educação e socialização sendo perturbadas por uma certa ausência da figura materna no "lar".

A realidade estudada mostrou-se, portanto, bastante significativa do modo como o espaço urbano/habitacional de uma cidade nordestina como João Pessoa enseja a coexistência de estilos de vida e representações diferenciadas, muitas vezes ambíguas, e de como os segmentos de classe média exprimem tal tendência.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Sérgio Miceli (org. e trad.). S. Paulo, Perspectiva, 1987.

—, *Pierre Bourdieu-Sociologia*. Org. Renato Ortiz. São Paulo, Ática, 1983.

— La maison ou le monde renversé. In: *Le sens pratique*. Paris, Minuit, 1980. pp. 441-467.

BRUSCHINI, Cristina. *Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistas*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia S. Raposo. Petrópolis, Vozes, 1989.

HIRSCHON, Renee e GOLD, John R. *Territoriality and home environment in Greek urban community*. In: ANP Quartely (55)2, 1982.

LEMONS, Carlos. *Cozinhas, etc.* São Paulo, Perspectiva, 1978.

— *História da Casa Brasileira*. São Paulo, Contexto, 1989.

LIMA, Jacob e MEDEIROS, P. de Tarso. *A classe média na Paraíba: perfil e representações*. João Pessoa, Cadernos de Textos nº 5. MCS/UFPb, 1990.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura; notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

— *A utopia urbana; um estudo de antropologia social*. 3 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VELHO, Otávio G. (org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973